



EIXO 7: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORAS EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA.

GEONEGRAS: UNINDO GEOGRAFIAS E CORPOS FEMININOS NEGROS EM SALA DE AULA.

Geny Ferreira Guimarães
UFRRJ
genyguimaraes@ufrj.br

Resumo

O resumo apresenta uma reflexão sobre um tópico específico que envolve os espelhos de mulheres negras em seus ofícios do magistério que, significativamente estão repletos de engajamentos, responsabilidades, acolhimentos. Nos quais, um questionamento inicial é central, apesar de termos muitos: como mulheres negras resistem a tantas opressões ao longo de suas carreiras de magistério, mesmo assim não desistem e conseguem levar poesias e cores para a sala de aula? Podemos arriscar dizer que é pelo fato de “a gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2014, p. 99), também porque a cada dia, cada uma de nós repete: “ainda assim eu me levanto” (Angelou, 2020), além disso, “nossos passos vêm de longe...” (Carneiro, 2000, p. 22). Ainda, podemos dizer que mulheres negras resistem trazendo esperança, coragem e força umas para as outras porque além de sermos o que somos, a sociedade nos grita negra a todo instante. Mulheres negras, levam suas existências para as salas de aula por meio de seus corpos, mas também levam suas pesquisas que são escritas, vivenciadas e experimentadas. No desenvolvimento prático dessa ideia, apresento o objetivo geral desse texto que é o de encontrar meios de levar para a sala de aula (via o programa de uma aula e das práticas) elementos que possam servir de espelhos para outras mulheres negras. No caso, podem ocorrer a partir de diálogos espacializados da nossa existência via a ciência geográfica (por meio de conceitos fundamentais e dimensões geográficas), flertando com artes em geral como cinema, teatro, música etc., ou artes em específico, por exemplo: a literatura. A minha escolha, tem sido, na maior parte das vezes, em específico a literatura negra. Por que literatura? Para Almeida (2015, p. 29), “[a]s cartografias da contemporaneidade mapeiam uma gama variada de conceitos que perpassam a literatura contemporânea” apontando para o espaço como uma categoria privilegiada, sem desvinculação com o tempo. Em nossas cartografias diárias, somos seres espacializadas e sem possibilidade



alguma de sermos ageográficas esvaziadas de nossas existências que são “Negra, negra, negra, Negra” e, em muitos tons, conforme nos alerta Victoria Santa Cruz em sua canção-poema “Gritaram-me negra”, escrita em 1960. Por que do espaço e da Geografia? Pois, eu leciono essa disciplina, mesmo que o conceito de espaço circule por muitas áreas do conhecimento, inclusive da literatura, mas é na Geografia que os seus aprofundamentos são trazidos com complexidades e de maneira relacional, pela essência dessa ciência. Contudo, a escolha por Geografias Negras e Literaturas Negras (Guimarães, 2012), são conduzidas por precisarmos afirmar em alto e bom som: “questões negras são questões espaciais” (McKittrick, 2006, p. xvii). Para seguir, enumero alguns objetivos específicos, como: (1) apresentar em uma aula a abordagem da interseccionalidade traduzido por problemas vividos por mulheres negras; (2) discutir que um dos caminhos para a resistência de mulheres negras pode ser via o feminismo negro e, (3) relacionar feminismo negro com Geografia. Algumas justificativas que podem ser apresentadas é o fato de que a Geografia enquanto ciência não nasce dos seus conceitos, epistemologias, métodos e metodologias, mas partem de fenômenos reais e cotidianos, apenas depois, por meio de pesquisas e análises de fenômenos é que temos os conceitos. Ou seja, uma aula também, não nasce exclusivamente de elementos abstratos e/ou conceituais, mas de vivências de professoras e professores. Se tratando de uma negra, mulher, professora, obviamente que suas visões de vida e mundo não ficam do lado de fora da porta, até porque dentro da sala de aula ela também é vista como uma negra-mulher-professora, respectivamente e em primeiro lugar é visto e apontado o seu corpo negro. Pois, pejorativamente, de maneira inferiorizada por carregar estereótipos lançados sobre suas características fenotípicas (negra); existenciais e sociais de gênero (mulher) e, de classe (professora). Algo que nos remete a uma discussão entorno do que geograficamente podemos denominar de “dimensão racial do espaço” (Guimarães, 2015) e socialmente a tripla discriminação da mulher negra segundo Gonzalez (1982) e que nos dias de hoje, recebe a denominação de “interseccionalidades” (Collins, 2021). Sendo mais direta, os espaços educacionais não são ilhas, mas parte de uma sociedade racista, sexista, lgbtfóbica e classista onde as mazelas sociais se repetem em seus diferentes espaços: sala de aula, corredores, sala de professores, laboratórios, secretarias etc. Como esses problemas não cessam, o antirracismo, o feminismo e outros, não



podem parar. Em

termos metodológicos, desenvolvo de tempos em tempos uma atividade, em algumas etapas:

1. uma primeira etapa é a reflexão teórico metodologia que inicia-se com uma revisão de referências envolvendo: feminismo negro; literaturas negras; interseccionalidades, conceitos fundamentais e dimensões centrais da Geografia e epistemologias das Geografias Negras e alguns trechos são levados para leitura em sala de aula;
2. uma segunda etapa é a escolha de ao menos 10 livros de literaturas negras para serem levados para sala de aula (apenas autoras negras são selecionadas);
3. em um terceiro momento é dada a explicação para a turma do que devem fazer: i). realizar leitura dos trechos teóricos previamente selecionados, dos títulos dos livros e autoras; ii) escolha de uma frase ou uma palavra de seus conteúdos, individualmente e que defina o que elas próprias são ou que lembre alguém ou algum acontecimento de suas vidas;
4. no quarto momento é solicitado que façam um cartão pequeno, manualmente com suas escolhas e utilizem cores (sim, podem desenhar e pintar a vontade);
5. no quinto momento, montamos um varal com todos os cards e as apresentações de justificativas de suas escolhas juntamente com conceitos da Geografia que acreditem representar o espaço geográfico que mais percebem nos seus cotidianos;
6. Por fim, tecemos comentários sobre o cerne da questão discutida por debates que envolvem questões raciais afirmativas e gênero. Também, se leva em consideração os elementos elencados para uma abordagem metódica “desde dentro” (Guimarães, 2015) com foco na metodologia do reconhecimento (García, 2018; Guimarães, 2020), subjetividades e epistemologias negras resultando em enegrecimento das referências (Guimarães, 2020), por isso, a escolha de literaturas negras para a atividade.

Tal atividade já foi desenvolvida em turmas heterogêneas em termos de raça, classe, gênero e sexualidade de ensino médio, graduação e pós-graduação. A ludicidade faz parte da vida e pode ser considerada produção de conhecimento, além dela, nessa atividade são envolvidas vários elementos da circularidade dos valores civilizatórios afro-brasileiros propostos por Trindade (2006), como ancestralidade, musicalidade (ritmo), energia vital, religiosidade, oralidade, memória e comunitarismo, corporeidade.



Algumas das experiências trocadas por quem participa da atividade é o conhecimento de um pedacinho a mais umas das outras e de si mesmas; geralmente algumas se emocionam; outras sorriem muito; um número delas chora um pouquinho (de emoção, alegria ou saudade de alguém). Todos se abraçam, escutam músicas e fazemos um lanche coletivo. Ter uma negra-mulher-professora em sala de aula pode se tornar menos estranho para muitos que sempre a viram como alguém sem valor, pois a professora também faz seu card poético colorido e o coloca no varal. Geralmente a frase que escolho é “vozes mulheres” título de poema de Conceição Evaristo e só ao final eu divulgo o nome da atividade *“A vida é da cor que eu pinto”*.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Feminismo Negro. Geografias Negras.

Referências

- Almeida, S. R. G. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- Angelou, M. Ainda assim eu me levanto. In: Angelou, M. **Poesias Completas**. Tradução de Lubi Prates. Bauru/São Paulo: Astral Cultural Editora, [E-book], 2020.
- Carneiro, F. Nossos passos vêm de longe... In: Werneck, J; Mendonça, M; White, E. C. (Orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe!** Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000, p. 22-41.
- Evaristo, C. A gente combinamos de não morrer (conto). In: Evaristo, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 99-109.
- García, J. C. Afroepistemologia e Afroepistemotética. In: Walker, S. (Org.). **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Tradução de Viviane C. Antunes. Rio de Janeiro: Editora Kitabu, p. 85-105.
- Gonzalez, L. O lugar da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômico. In: LUZ, Madel T., O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 87-106.
- Guimarães, G. F. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negras - ABPN**. 12(Ed. Especi), p. 292–311, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/866>. Acesso em 20 ago. 2025.
- Guimarães, G. F. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo- projeto patrimonial**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- Guimarães, G. F. Ensino de Geografia e Literatura Negra no Brasil. **SIALA**, UNEB, Salvador, 2012.
- McKittrick, K. **Demonic Grounds: Black Women and the cartographies of struggle**. Minnesota: Minnesota Press, 2006.
- Collins, P. H. **Interseccionalidades**. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- Trindade, A. Valores civilizatórios Afro-brasileiros. In: **Modos de Interagir: Saberes e Fazeres**. Projeto A cor da cultura. Rio de Janeiro: FRM, v.3, 2006.